

ISAAC ASIMOV

OS EGÍPCIOS

AS ORIGENS, O APOGEU E O DESTINO DE UMA CIVILIZAÇÃO



Planeta

COLEÇÃO HISTÓRIA UNIVERSAL ISAAC ASIMOV

minotauro

PREÇO ANTICIPADO PARA CIVILIZAÇÃO MENTAL PROIBIDA

ISAAC ASIMOV

OS

EGÍPCIOS

Tradução do espanhol
Luis Reyes Gil

 Planeta

minotauro

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Asimov Holdings LLC.
World rights reserved and controlled
by Asimov Holdings LLC.
Copyright © Editora Planeta
do Brasil, 2021
Copyright © Luis Reyes Gil
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Egyptians*

Preparação: Renato Ritto
Revisão: Bárbara Prince e Fernanda
Guerriero Antunes
Projeto Gráfico e Diagramação:
Marcela Badolatto
Capa: Paula Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Asimov, Isaac, 1920-1992
Os egípcios / Isaac Asimov; tradução de Luis Reyes Gil. – São
Paulo: Planeta, 2021.
288 p.

ISBN 978-65-5535-454-6
Título original: *The Egyptians*

1. Egito - História I. Título II. Gil, Luis Reyes

21-2596

CDD 932

Índices para catálogo sistemático:

1. Egito - História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

1.

O EGITO PRÉ-HISTÓRICO

O NILO

Pelo nordeste da África avança um rio de correnteza lenta. Tem 6.756 quilômetros de extensão – é o mais longo do mundo – e se chama Nilo, do nome grego *Neilos*. Ignora-se de onde provém esse nome, pois para o povo que vivia em suas margens era simplesmente “o Rio”.

Na porção mais setentrional do Nilo surgiu uma das duas civilizações mais antigas do mundo; e, ao longo de milênios, uma sociedade complexa povoou as margens dele com numerosas aldeias.

Durante a maior parte desse tempo, o lugar de nascimento do Nilo foi um mistério. As águas, nele, corriam para o norte vindas do distante sul, mas ninguém no mundo mediterrâneo antigo conseguiu penetrar nas regiões meridionais o suficiente para chegar a suas nascentes. Para os antigos, o problema das “nascentes do Nilo” foi tão difícil de resolver quanto o da “outra face da Lua” para nós (até que os satélites conseguissem fotografá-la).

Apenas na segunda metade do século XIX é que os viajantes europeus e americanos conseguiram conhecer o Nilo desde a nascente até a foz. Em 1857, o inglês John Hanning Speke chegou a um grande lago, que chamou de Vitória em homenagem à soberana da Grã-Bretanha na época. O lago ficava exatamente na linha do Equador, e dele nascia o Nilo. Outros rios afluíam para o lago a partir das montanhas do Quênia, próximas ao trecho central da costa leste africana.

Conforme corre para o norte em direção ao mar, o Nilo atravessa várias regiões, e sua bacia se estreita e fica cada vez mais escarpada. As águas caem com ímpeto sobre as pedras e acabam formando catarratas; os barcos não conseguem navegar por essas águas, que servem para dividir o rio em setores.

As catarratas são enumeradas a partir da foz rio em direção ao interior: a Primeira Catarata fica a 820 quilômetros do litoral. Hoje, ao sul dessa catarrata, há uma cidade chamada Assuã, mas nos tempos antigos havia ali uma cidade que os gregos chamavam de Syene.

O trecho mais setentrional do Nilo, entre a Primeira Catarata e a foz, é o cenário principal dos acontecimentos descritos neste livro. Foi nesse trecho, navegável em toda a sua extensão até para as embarcações mais simples, que surgiu essa civilização tão notável.

O Nilo corre ao longo da borda oriental do Saara. O Saara (que em árabe significa justamente “deserto”) cobre a maior parte do norte da África, e é tão extenso quanto os Estados Unidos; na realidade, é o maior deserto do mundo. Quase nunca chove nessa vastíssima região. A única água que pode ser encontrada está a grande profundidade, a não ser em alguns oásis, nos quais consegue alcançar a superfície.

Mas o Saara não foi sempre uma região desértica. Há vinte mil anos, quando os glaciares cobriam a maior parte da Europa, ventos frios levavam umidade até o norte da África. O que agora é deserto era, então, uma terra agradável, com rios e lagos, bosques e pradarias. Os homens primitivos vagavam por ela com seus instrumentos de pedra bruta.

De forma gradual, porém, os glaciares começaram a se desfazer, e o clima foi ficando cada vez mais quente. Apareceram as primeiras secas e a situação foi piorando pouco a pouco; a vegetação desapareceu e os animais se retiraram para regiões que ainda conservavam umidade suficiente para que fosse possível viver.

Também os humanos emigraram: uns para o sul, para os trópicos; outros, para o litoral norte. Muitos foram para as regiões próximas ao Nilo, que naqueles tempos remotos era bem mais largo e corria

preguiçoso pelas extensas áreas de lodaçais e pântanos. Contudo, a bacia do rio não era exatamente um lugar adequado para a vida humana: só viria a sê-lo depois que as terras perdessem um pouco de sua umidade.

Quando isso aconteceu, o Nilo converteu-se em uma bênção dos céus. Já não importava se o clima era mais ou menos seco, pois o rio proporcionava água suficiente para a terra e para as pessoas, permitindo que a vida ao longo de suas margens fosse não só possível, mas confortável.

Durante o inverno do hemisfério Norte, a neve se acumula nos cumes das montanhas da África centro-oriental; na primavera chegam as chuvas, derretendo a neve e fazendo enormes quantidades de água descender das montanhas para os rios e grandes lagos da região. Essas águas chegam ao Nilo, que vai abrindo passagem para o norte.

Por causa disso, o nível do Nilo sobe e transborda a partir do mês de julho, alcançando sua máxima altura no início de setembro e voltando a seu nível normal apenas em outubro. Nos meses em que o rio transborda, as águas cobrem as terras sedentas e depositam nelas uma camada de lodo fresco, que a corrente traz das montanhas do distante sul. Desse modo, o terreno ao longo das margens do rio se renova sempre e se mantém fértil.

Quando a humanidade adentrou pela primeira vez a bacia do Nilo, as inundações eram muito volumosas, e os extensos pântanos de ambos os lados do rio viviam cheios de hipopótamos, antílopes, grous e muitos outros animais que podiam ser caçados por humanos. Pouco a pouco, o aumento da seca foi limitando as terras inundadas; em certos casos, ficaram reduzidas à proximidade das margens do rio, de modo que, por muitos milênios, as porções de terra que se beneficiariam das cheias teriam, na maior parte do percurso do rio, uma largura de até vinte quilômetros.

Além disso, os solos férteis cultiváveis terminam no limite das terras inundadas, e de maneira tão brusca que até hoje há muitos lugares nos quais uma pessoa pode pisar com o pé esquerdo no solo fértil e com o direito no desértico.

O NEOLÍTICO

Já que nas terras mais próximas ao Nilo a caça diminuía e a população aumentava depressa, era preciso tomar alguma providência para aumentar a quantidade de produtos alimentícios. Felizmente, um novo modo de vida teve origem por volta do ano 8000 a.C. – quando os glaciares das regiões setentrionais iniciavam sua última retirada –, no seio de certas comunidades da Ásia sul-ocidental. Nas terras altas e irrigadas do que hoje corresponde ao Iraque e ao Irã, uns 1.600 quilômetros a leste do Nilo, os humanos aprenderam a plantar sementes e a colher os grãos que nasciam delas.

Esse pode ser considerado um dos pontos de partida da chamada “Era Neolítica”, ou “Nova Idade da Pedra”. A humanidade no Neolítico ainda desconhecia o uso dos metais, e por isso utilizava instrumentos de pedra. Agora, entretanto, tais instrumentos eram cuidadosamente polidos e muito mais elaborados do que os instrumentos de pedra sem polir, em forma de lasca ou de placa, da primeira Idade da Pedra e do Mesolítico.

Outros traços característicos do Neolítico foram o desenvolvimento da cerâmica, a domesticação e criação de animais e, como citado, a semeadura e colheita de plantas. Ainda não sabemos como exatamente se chegou à invenção da agricultura (ou do “cultivo de campos”), mas as vantagens de tal técnica foram evidentes, pois esta permitiu que houvesse alimentos de forma segura.

Antes da difusão do modo de vida neolítico, a humanidade vivia da caça e da coleta de vegetais. Mas em qualquer região específica havia uma quantidade restrita de caça, plantas e frutas, e, nos anos ruins, os humanos viam-se obrigados a percorrer grandes distâncias para encontrar alimento suficiente. O número de habitantes que cada região podia alimentar era relativamente baixo.

Quando o ser humano aprendeu a criar animais e a cultivar plantas, foi capaz de produzir alimentos em quantidade bem maior do que a obtida antes com a caça e a coleta. Confinando animais e cercando

campos cultivados, os pastores e agricultores evitavam que os animais silvestres ou que as demais comunidades humanas se apropriassem deles; desse modo, o abastecimento de alimentos aumentou e tornou-se mais seguro. Isso era mais perceptível no caso da agricultura, já que ficou mais fácil encontrar plantas e cuidar delas (depois que se adquiriu suficiente habilidade) quando comparadas aos animais. Como um hectare de terra cultivada podia alimentar mais pessoas do que um hectare de bosque, houve um aumento realmente explosivo da população nos lugares onde a cultura neolítica se estabeleceu.

Do mesmo modo, enquanto o caçador (e, até certo ponto, o pastor) sempre tinha de se deslocar, o agricultor era obrigado a se sedentarizar. Precisava permanecer nas terras onde crescia o grão. Além disso, era necessário viver em comunidade para se proteger de maneira solidária contra os ataques de povos de caçadores e pastores (que não cultivavam cereais, mas não viam nenhum problema em arrebatá-los daqueles que o faziam), e construir aldeias: eram as primeiras “cidades”.

Como a humanidade via-se obrigada a conviver com seus semelhantes nas aldeias, a independência do bando caçador logo virou coisa do passado. Os aldeões desenvolveram métodos de cooperação a fim de construir edifícios, organizar a defesa e cultivar a terra. Em poucas palavras, criaram o que tem sido chamado de “civilização” (derivada da palavra latina *civis*, “cidade”).

A prática da agricultura acabaria se estendendo para além das terras de origem, chegando até o planalto iraniano durante o milênio que se seguiu à sua descoberta. A agricultura foi adotada por outras comunidades, e isso trouxe novos e espetaculares avanços, particularmente em duas áreas específicas: uma delas era um vale entre dois rios, o Tigre e o Eufrates, ao sul; a outra era também um vale, formado pela bacia de um rio, o Nilo, uns 1.600 quilômetros a oeste. O vale do Tigre e do Eufrates ficava mais próximo do lugar de origem, e por isso começou antes a praticar a agricultura e, portanto, a desenvolver uma civilização. Mas o vale do Nilo não ficou para trás.

O modo de vida neolítico já estava plenamente implantado no Egito por volta de 5000 a.C. Naquele tempo, as terras do vale do Nilo conservavam bastante umidade e eram selvagens o suficiente para se prestarem à agricultura com tranquilidade. A oeste do Nilo, entretanto, por volta de duzentos quilômetros ao sul da costa mediterrânea, havia um lago perfeitamente adequado para isso. Mais tarde, essa extensão aquática foi denominada lago Moeris, motivo que levou o historiador e viajante grego Heródoto, que a visitou por volta de 450 a.C., a acreditar que se tratava de um lago artificial construído pelo lendário rei Moeris.

O lago, porém, não era de modo algum artificial, e a palavra *moeris* é simplesmente um termo egípcio para designar “lago”. Era natural e fazia lembrar os tempos em que o norte da África era muito mais úmido. Ainda havia hipopótamos e outros animais menores vivendo ali, e em suas margens, entre 4500 a.C. e 4000 a.C., floresceram várias aldeias neolíticas.

No entanto, o lago sofria as consequências da crescente seca ao seu redor. À medida que suas águas baixavam e a vida diminuía, as aldeias estabelecidas em suas margens ficaram menos numerosas. Ao mesmo tempo, porém, a civilização conhecia um desenvolvimento maior nas terras próximas ao Nilo, o que permitiu melhorar o controle das águas do lago, provenientes das distantes montanhas do sul.

Por volta de 3000 a.C., o lago Moeris alcançou nível tão baixo que só poderia continuar existindo se fosse conectado, de algum modo, ao Nilo; os habitantes das margens do rio teriam de realizar um enorme esforço (que aumentaria com o passar dos séculos) para fazer essa conexão.

A batalha para que isso acontecesse foi perdida há uns mil anos ou mais, e atualmente o lago não existe; em seu lugar há uma depressão, em grande parte seca, em cujo centro se localiza um lago pouco profundo, de uns cinquenta quilômetros de comprimento e oito de largura. Essa superfície aquática, que os atuais habitantes da região, de língua árabe, chamam de Birket Qarun, é o que restou do antigo lago Moeris. Às margens de suas águas vemos hoje a cidade de Faium, que dá nome a toda a depressão.



Figura 1: Mapa do vale do Nilo.

Os assentamentos neolíticos que foram surgindo às margens do Nilo (um pouco mais tarde que no lago Moeris) vêm sendo escavados pelos arqueólogos. Os restos de cada aldeia que foi aparecendo repousam sobre os da anterior, e os estudiosos atribuem um nome a cada nível (ou a cada idade), derivado do nome da última aldeia que proporcionou maior abundância de restos. Desse modo, fala-se em cultura tasiana, badariana, amratiana e assim por diante. A população tasiana já praticava a agricultura; os badarianos eram bons ceramistas; e os amratianos criavam gado bovino, ovelhas e porcos, e construía-
m barcos de junco para navegar pelo Nilo.

REGADIO

As primeiras comunidades agrícolas da Ásia ocidental cresceram em regiões onde as chuvas eram suficientemente abundantes para permitir o crescimento das plantas. Nas regiões do Tigre e do Eufrates, e em especial na do Nilo, as populações não podiam depender apenas da chuva para regar suas colheitas. Daí a utilização da água dos rios.

Em um primeiro momento, bastava esperar a inundaçãõ diminuir, e então se semeava o terreno lodacento. Mas, à medida que a população crescia, as colheitas obtidas dessa maneira eram cada vez mais insuficientes. Tornou-se imprescindível, portanto, abrir caminhos na margem do rio para trazer a água aos lugares que precisavam dela. Uma rede de canais (tanto no Nilo como no Tigre e no Eufrates) permitia irrigar as terras e conservá-las úmidas nas épocas em que, devido à falta de inundações, ficavam completamente secas.

Isso em certo sentido dificultou as coisas, pois não era fácil escavar canais e mantê-los em funcionamento. Tratava-se, na realidade, de um trabalho bem mais árduo do que apenas ver a chuva cair. Além disso, precisava ser feito de forma coletiva, por meio de uma cooperação muito mais elaborada do que a exigida nos trabalhos agrícolas comuns.

Na verdade, a necessidade de intensificar a cooperação e desenvolver técnicas de regadio agrícola muito mais avançadas pode ter sido o estímulo ao maior desenvolvimento da civilização nessas regiões fluviais quando comparadas às comunidades agrícolas das regiões montanhosas.

As cidades ao longo dos rios precisavam estar particularmente bem-organizadas. As pessoas que tinham habilidade e ambição suficientes para assumir trabalhos como a construção e manutenção de canais passaram a dominar as cidades de maneira lógica e natural. Em geral, estabeleciam seu prestígio e poder em nome de algum deus local.

A humanidade primitiva estava sempre disposta a acreditar que o que fazia germinar as sementes para que a terra desse frutos era algum ser sobrenatural, e o trabalho dos governantes das cidades consistia em elaborar os ritos mágicos adequados para convencer os deuses a se comportarem bem. Além disso, precisavam garantir que tais ritos fossem realizados de forma adequada. Desse modo, as pessoas comuns acreditariam firmemente que a prosperidade da cidade e a vida do povo dependiam da sabedoria e da retidão dos sujeitos encarregados dos ritos. O resultado foi que o vale do Nilo ganhou uma classe sacerdotal que conservaria grande poder por milhares de anos.

As dificuldades da agricultura de regadio eram compensadas pelos benefícios que ela trazia. À medida que um número maior de pessoas aprendia a colaborar entre si, os sucessos aumentavam. Tornou-se necessário, por exemplo, saber exatamente quando ocorreriam as cheias do Nilo, a fim de aproveitá-las ao máximo.

Os sacerdotes encarregados do regadio estudaram cuidadosamente o nível das águas do rio, dia após dia, e descobriram que, em média, as cheias se produziam a cada trezentos e sessenta e cinco dias, e por isso os habitantes do Nilo foram os primeiros a elaborar um calendário baseado no ano com essa quantidade de dias. Cada ano era formado por doze meses, já que eram doze os ciclos completos de mudança nas fases da Lua, e porque se desenvolviam em um período pouco

inferior a um ano. Além disso, o povo do Nilo (como todos os demais) vinha usando um calendário baseado na Lua. Atribuía-se a cada mês a duração de trinta dias, e no fim do ano acrescentavam-se cinco dias.

Tal calendário era muito mais simples e manejável do que qualquer outro dos inventados até então. Os historiadores não sabem ao certo em que data foi adotado, mas podemos supor razoavelmente que foi por volta de 2800 a.C. Ao longo de três mil anos não seria inventado nada melhor, e mais tarde, quando se dispôs de um calendário mais adequado, ele continuou baseado no egípcio, com poucas modificações. Na realidade, nosso calendário atual ainda é baseado no egípcio.

De qualquer modo, as inundações anuais do Nilo apagavam os limites entre as terras de propriedade individual. Foi necessário, então, achar alguma fórmula para voltar a definir esses limites. Sabemos que isso aos poucos deu lugar aos métodos de cálculo que conhecemos hoje com o nome de “geometria” (que significa “medição da terra”). Outras áreas das ciências matemáticas também tiveram seu desenvolvimento.

Precisou-se, também, incluir nos registros os limites das terras e as quantidades produzidas pelas colheitas. Era preciso criar algum sistema de símbolos para os diferentes números, as diferentes pessoas, os diversos tipos de cereais e de outros produtos, assim como para os diversos acontecimentos.

Os habitantes das regiões do Tigre e do Eufrates haviam inventado, pouco antes de 3000 a.C., um tosco sistema pictográfico (a “escrita por meio de imagens”) que imitava os objetos representados. Seus símbolos devem ter sido muito simples num primeiro momento, e foram ficando mais complexos aos poucos, até serem capazes de representar tudo o que as pessoas queriam expressar.

É possível que os habitantes do vale do Nilo tenham se apossado do conceito de escrita com base nas notícias que chegavam a eles por meio dos comerciantes e viajantes provenientes da região do Tigre e do Eufrates. O povo do Nilo logo adaptou esse conceito a seus fins e

necessidades, e inventou os próprios símbolos, muito mais atraentes. Na região do Nilo, a escrita já estava plenamente desenvolvida pouco após 3000 a.C.

Esse sistema de escrita encontrava-se nas mãos dos sacerdotes. As pessoas comuns não eram capazes de ler ou escrever aquele complicado conjunto de símbolos inventado, do mesmo modo que o homem comum hoje em dia não é capaz de fazer uso da alta matemática. Os gregos, que alguns séculos mais tarde inundaram o país de turistas e soldados, tampouco conseguiam ler essa antiga escrita, o que era natural, mas como costumavam vê-la representada nos templos, imaginaram que tivesse significado religioso, e por isso a chamaram de “hieroglífica” (ou “signos sagrados gravados”).

SEGURANÇA

As necessidades de regadio possibilitaram o desenvolvimento de grandes civilizações no vale do Nilo e nos vales do Tigre e do Eufrates, apesar das notáveis diferenças em cada caso. As bacias do Tigre e do Eufrates estavam expostas, a leste, a oeste e ao norte, às ações de populações menos civilizadas das montanhas. Vivendo sob o terror constante de incursões e saques, as aldeias dessa região fluvial construíram muralhas defensivas, e enquanto cresciam foram fabricando armas e formando exércitos, instruindo-se em técnicas e disciplinas militares.

Desse modo, as cidades da região do Tigre e do Eufrates conseguiam, na maioria das vezes, manter os bárbaros afastados. Mas, nas épocas de paz, o que essas cidades podiam fazer com seus soldados e armamentos? Bem, se não tinham o que fazer, podiam então causar problemas às demais cidades que os empregavam. Como era natural, portanto, as cidades começaram a combater umas às outras.

As lutas permitiam, às vezes, que amplos territórios ficassem sob uma única soberania, o que resultou na formação de “impérios”. Por

outro lado, essas mesmas lutas costumavam destruir a cooperação e os meios sobre os quais se baseava a prosperidade agrícola, o que dava lugar a uma “era obscura” na qual a civilização declinava e a prosperidade decrescia, de modo que os bárbaros vizinhos podiam aproveitar a situação para dominar a zona durante um tempo.

O povo do Nilo desconheceu todos esses problemas durante séculos. A leste e a oeste de seu pacífico vale, havia apenas deserto, que os exércitos estrangeiros dificilmente conseguiam cruzar. Ao norte estava o Mediterrâneo, e nos primeiros tempos não havia barcos adequados para o transporte de exércitos por aqueles mares. Por último, no sul ficava a Primeira Catarata, que impedia eventuais inimigos de realizarem incursões pelo Nilo.

Durante longo tempo, o povo do Nilo viveu praticamente seguro e isolado. As aldeias não precisavam se armar nem se mostrar agressivas. Poucas cresceram, e alguns autores descreveram o vale do Nilo como uma longa sucessão de assentamentos humanos.

Tudo isso significava bem-estar, mas também ausência de intercâmbios. Em outros lugares e em outros rios, as populações deparavam sempre com novas situações, os invasores traziam novidades, ou elas mesmas eram obrigadas a assimilá-las para se defender melhor; ao contrário, as populações do Nilo eram livres disso. Os métodos antigos continuavam sendo úteis, geração após geração.

Assim, quando invasores estrangeiros penetraram no vale do Nilo e estabeleceram domínio sobre a população local, já era tarde demais. Os nativos estavam tão profundamente permeados pelos antigos costumes que tinham se tornado o povo mais conservador da história (à exceção, talvez, dos chineses).

O sistema de escrita dali, por exemplo, continuou sendo muito complicado, com grande número de símbolos que às vezes representavam palavras isoladas, às vezes correspondiam apenas a partes de palavras. Por volta de 1500 a.C., em algum lugar do Mediterrâneo oriental, surgiu a ideia de limitar a quantidade dos símbolos gráficos a

cerca de vinte e cinco, com cada um deles representando uma consoante. Com esse “alfabeto” era possível escrever milhares e milhares de palavras diferentes, e, no conjunto, o processo da escrita tornou-se muito menos complicado.

No entanto, os habitantes do vale do Nilo, orgulhosos de sua antiga civilização e muito apegados ao seu tradicional modo de vida, negaram-se a aceitar o mencionado alfabeto durante quase dois mil anos. Continuaram teimosamente aferrados ao complicado sistema de escrita, que no início havia sido uma novidade útil, mas que agora se tornara um verdadeiro obstáculo. Esse conservadorismo serviu apenas para favorecer outros povos mais dinâmicos, que se colocaram à frente do povo do Nilo. (Hoje em dia, os chineses resistem a abandonar seus próprios símbolos, tão complicados quanto os dos egípcios. Mas não devemos nos achar superiores: os Estados Unidos ainda não abandonaram seu insensato sistema de unidades de medida e se recusam a adotar o sistema métrico, muito mais simples e lógico, e que, além disso, é utilizado praticamente no mundo inteiro.)

Outro exemplo de conservadorismo é o calendário. Os sacerdotes do Nilo haviam descoberto que o ano tinha trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto. A cada quatro anos, portanto, o ano tinha um dia a mais, trezentos e sessenta e seis, sempre que o transbordamento do Nilo ocorresse no mesmo período do calendário. Mas todos os esforços realizados para que o povo aceitasse a modificação do calendário foram vãos. O povo continuava aferrado ao passado e aos velhos costumes, mesmo que isso complicasse, sem necessidade, o cálculo da data da inundação.

OS DOIS EGITOS

Os habitantes do vale do Nilo chamavam sua terra de Jem. Ao que parece, Jem quer dizer “negro” na língua do país. Cabe pensar que o termo se

referia à rica terra preta que as cheias deixavam para trás, que contrastava fortemente com a terra tostada do deserto de ambos os lados do rio.

Mais tarde, os gregos chamaram essa terra de Aigyptos, que talvez derivasse do nome, distorcido, de uma grande cidade egípcia de épocas posteriores, com a qual tinham familiaridade. Nós herdamos o nome e chamamos esse país de Egito.

Nos primeiros tempos da civilização egípcia, o país era formado por uma série de pequenas cidades ou *nomoi*, cada uma com seu próprio deus e seus próprios templos e sacerdotes. Cada uma tinha também seu governante, que controlava a região agrícola dos arredores, às margens do rio. A comunicação entre as cidades era feita pelo rio e era fácil, pois a corrente fluía numa direção e os ventos geralmente na direção contrária. Sem velas, era possível rumar para o norte; com velas, para o sul. Naturalmente, os habitantes de uma cidade costumavam cooperar entre si, mas as coisas ficavam muito mais fáceis quando as diferentes cidades cooperavam umas com as outras. Formaram-se, então, ligas, e dentro delas as cidades vizinhas podiam chegar a acordos para resolver os problemas gerais de maneira consensual. De vez em quando, um governante podia exercer um domínio difuso sobre amplos setores do rio.

Em termos gerais, o vale acabou dividido em duas regiões principais. De um lado, havia o estreito vale do próprio rio, que se estendia desde a Primeira Catarata até a região do lago Moeris, cobrindo mais de 1.600 quilômetros. Era a longa e estreita faixa de terra que costumamos denominar Alto Egito.

Ao norte do Alto Egito, o Nilo se ramifica em numerosas correntes, que se abrem em leque para formar um grande triângulo, cujos lados medem cerca de duzentos quilômetros. O Nilo penetra no mar por uma série de desembocaduras, e a terra compreendida entre as correntes é extremamente fértil. Essa região triangular, o Baixo Egito, foi criada pelo Nilo com a lama de aluvião transportada das distantes montanhas do sul desde os tempos mais remotos.

Nos mapas do Egito, que hoje desenhamos com o norte na parte superior, o Baixo Egito fica acima do Alto Egito, o que pode parecer estranho. É que a denominação toma como ponto de referência o rio. Quando avançamos seguindo a correnteza de um rio em direção à sua foz, dizemos que estamos indo “rio abaixo”; a direção contrária é “rio acima”. Quando levamos em conta que o Alto Egito se encontra corrente acima em relação ao Baixo Egito, a expressão passa a fazer sentido.

No alfabeto grego, a letra “delta” é representada por um triângulo equilátero – pelo menos, a letra maiúscula. Por isso os gregos chamaram de “Delta do Nilo” a região do Baixo Egito, por sua forma triangular. (Hoje toda foz de rio e sua zona limítrofe formada por terra de aluvião arrastada pela correnteza é denominada “delta”, qualquer que seja sua forma. Por isso falamos, por exemplo, do delta do Mississipi, que apresenta uma forma muito irregular.)

minotauro